



Estratégias coletivas em diabetes tipo 2: ações de extensão universitária em meio à pandemia

Camila Barros de Miranda Moram: Terapia Ocupacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e-mail: camilamoram@ufscar.br

Fernanda de Sousa Marinho: Terapia Ocupacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Acadêmico de Enfermagem: Fabiano Barcellos Bravin
Acadêmica de Fisioterapia: Vitória Vieira Reis dos Santos

Resumo

Este artigo pretende descrever e analisar as práticas de dois projetos de extensão universitária no período de pandemia. A proposta inicial desses projetos era de desenvolver ações de forma presencial em um hospital universitário, porém com o isolamento social preconizado pela Organização Mundial de Saúde decorrente da Covid-19, os projetos foram desenvolvidos de forma remota. Trata-se de um estudo descritivo, fundamentado no relato de experiência de discentes e docentes participantes dos projetos de extensão. Os projetos apresentam como objetivos principais estabelecer espaços de troca de informações e experiências com a comunidade sobre a adesão ao tratamento da diabetes tipo 2 e trocar informações com a comunidade sobre a adesão ao tratamento da diabetes tipo 2 por meio do contexto

virtual. As trocas de informações e o modo de comunicação entre a universidade e a comunidade ocorreram de forma remota. As equipes dos projetos tiveram a possibilidade de trocar experiências e conhecimentos entre si, trazendo reflexões sobre novos saberes e discutindo sobre práticas de cuidados relacionadas às pessoas, grupos e populações com diabetes tipo 2. Além disso, puderam trocar experiências com a comunidade, aplicando conhecimentos em benefício da sociedade.

Palavras-chave: Diabetes tipo 2. Extensão universitária. Pandemia.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo describir y analizar las prácticas de dos proyectos de extensión universitaria durante el período de pandemia. La propuesta inicial de estos proyectos era desarrollar acciones de manera presencial en un hospital universitario, pero con el aislamiento social recomendado por la Organización Mundial de la Salud por el Covid-19, los proyectos se desarrollaron a distancia. Se trata de un estudio descriptivo, basado en el relato de experiencia de estudiantes y docentes participantes en proyectos de extensión. Los proyectos tienen como principales objetivos establecer espacios de intercambio de información y experiencias con la comunidad sobre adherencia al tratamiento de diabetes tipo 2 e intercambiar información con la comunidad sobre adherencia al tratamiento de diabetes tipo 2 a través del contexto virtual. El intercambio de información y el modo de comunicación entre la universidad y la comunidad se realizó de forma remota. Los equipos del proyecto tuvieron la oportunidad de intercambiar experiencias y conocimientos entre ellos, trayendo reflexiones sobre nuevos conocimientos y discutiendo prácticas de cuidado relacionadas con personas, grupos y poblaciones con diabetes tipo 2. Además, pudieron intercambiar experiencias con la comunidad, aplicando conocimientos para el beneficio de la sociedad.

Palabras clave: Diabetes tipo 2. Extensión universitária. Pandemia.

Resumo

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto do novo Coronavírus (SARS-CoV-2) como uma pandemia e, assim, preconizou o isolamento social, visando reduzir a taxa de contaminação da doença. Isso provocou diversas mudanças nas ações relacionadas à educação superior, como o ensino, pesquisa e extensão universitária.

A extensão universitária é a ação da universidade com a comunidade, que permite o compartilhamento e a articulação, com o público externo, do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social (UFES, 2021). A extensão articula os interesses do ensino e da pesquisa com os interesses sociais (Santos, 2010).

Tem sua base em um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, que busca a interação entre a universidade e a sociedade, propiciando a troca de saberes entre senso comum e científico. Suas diretrizes são: interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, impacto na formação do estudante e impacto e transformação social (FORPROEX, 2012).

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), as atividades de extensão, no período de preconização do isolamento social, devido ao coronavírus, foram estimuladas para serem realizadas de forma remota pela Pró-Reitoria de Extensão (Pr5), com a criação da #Extensão Virtual.

Este artigo pretende descrever e analisar as

práticas dos projetos de extensão universitária “Desenvolvimento coletivo de estratégias para o autocuidado e adesão ao tratamento do diabetes tipo 2” e “Uso do contexto virtual como facilitador para adesão ao tratamento do diabetes tipo 2”. A proposta inicial desses projetos era de desenvolver ações de forma presencial em um hospital universitário, porém, com o isolamento social preconizado pela Organização Mundial de Saúde decorrente da Covid-19, os projetos foram desenvolvidos de forma remota.

Fundamentação teórico-metodológica

Estudo descritivo, fundamentado no relato de experiência de discentes e docentes participantes dos projetos de extensão “Desenvolvimento coletivo de estratégias para o autocuidado e adesão ao tratamento do diabetes tipo 2” e “Uso do contexto virtual como facilitador para adesão ao tratamento do diabetes tipo 2”, que abordam a estratégia coletiva no tratamento da diabetes tipo 2.

Sobre os projetos de extensão:

O projeto de extensão “Desenvolvimento coletivo de estratégias para o autocuidado e adesão ao tratamento do diabetes tipo 2” teve como principal objetivo estabelecer espaços de troca de informações e experiências com a comunidade sobre a adesão ao tratamento da diabetes tipo 2. Já o projeto “Uso do contexto virtual como facilitador para adesão ao tratamento do diabetes tipo 2” teve como finalidade trocar informações com a comunidade sobre a adesão ao tratamento da diabetes tipo 2 por meio do contexto virtual.

As mídias sociais já são realidade e fazem parte da vida de muitas pessoas. A proposta, então, foi usá-las como forma de enfatizar as orientações para além dos dias das consultas com os profissionais de saúde.

Os dois projetos buscaram, também, mapear as variedades de estratégias e de recursos usados na rotina das pessoas com diabetes tipo 2 para seguir as orientações dos profissionais responsáveis pelo tratamento; identificar as orientações dadas pelos profissionais do cuidado no tratamento da diabetes tipo 2; entender as principais orientações apresentadas na literatura sobre o tratamento da diabetes tipo 2; considerar as questões usadas como barreiras e facilitadores no tratamento da diabetes tipo 2 e buscar estratégias para aumentar a adesão ao tratamento; elaborar e buscar materiais para divulgação em mídias sociais, como *links*, vídeos, sites, imagens e áudios para auxiliar a adesão ao tratamento da diabetes tipo 2; aproximar a comunicação comunidade x universidade/profissionais do cuidado, incentivando comentários, fóruns de discussão e expressão de opiniões sobre a adesão ao tratamento da diabetes tipo 2.

As ações de extensão aqui mencionadas foram desenvolvidas a partir de maio de 2020. A seleção dos estudantes para compor as equipes dos projetos foi divulgada na rede social *Facebook*, no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA UFRJ) e entre alguns centros acadêmicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Entendeu-se ser necessário um olhar ampliado e multidisciplinar para o desenvolvimento das ações. Desta forma, foram selecionados estudantes dos cursos de graduação em Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Enfermagem, Medicina, Nutrição e Odontologia da UFRJ (Campus Fundão e Macaé), da Universidade Veiga de Almeida e da Faculdade de Educação São Francisco- FAESF.

As ações de extensão eram realizadas pelos membros da equipe duas vezes por semana, tendo encontros via *Google Meet* uma vez por semana, com as professoras coordenadoras dos projetos e um horário. Além disso, foi criado um grupo no *WhatsApp* para a equipe poder agilizar as demandas mais urgentes.

Os projetos contaram com a discussão de conteúdos relacionados à adesão ao tratamento da diabetes tipo 2 e criação de uma conta no *Instagram*, que ocorreu em outubro de 2020 (Figura 1).



Figura 1. Página dos projetos de extensão do *Instagram*.

Fonte: *Instagram*.

Com o intuito de padronizar não somente as postagens do *Instagram*, mas também de criar uma conformidade entre quaisquer materiais desenvolvidos pelos projetos, foram selecionadas as seguintes fontes de texto: *Adigiana*

Toybox (logomarca), *Raleway* (títulos), *Satisfy* (detalhes) e *Amaranth* (textos).

Figura 1 - Perfil dos projetos "Desenvolvimento coletivo de estratégias para o autocuidado e adesão ao tratamento do diabetes tipo 2" e "Uso do contexto virtual como facilitador para adesão ao tratamento do diabetes tipo 2" na rede social *Instagram*

Fonte: *Instagram*

Foi traçado um plano de desenvolvimento para o mesmo, onde foi elaborada a identidade visual: nome, logomarca, paleta de cores e fontes de texto, que moldaram as artes que representam os projetos. Dessa forma, foi possível entregar aos projetos uma identidade visual única e criar uma harmonia entre suas postagens.

O perfil do *Instagram* "Estratégias coletivas em diabetes tipo 2", que tem como usuário "@coletivodm2", foi criado com base nas propostas dos dois projetos de extensão já mencionados. Já a logomarca, que teve seus componentes estruturados por toda a equipe, em reuniões, e posteriormente desenvolvida por um dos discentes, foi baseada no conceito da palavra "coletivo".

Portanto, a logomarca é constituída por um círculo formado por pessoas de mãos dadas na cor preta e tons das cores vermelho (borda esquerda) e azul (borda direita), formando seu acabamento. No centro temos as palavras "estratégias coletivas", formando um semicírculo e "diabetes tipo 2" na parte inferior.

Em seguida, tornou-se necessário a criação de um cronograma de postagens para o perfil do *Instagram*. Para isso, os discentes foram divididos em subgrupos, onde cada estudante pôde escolher em qual equipe tinha mais afinidade e o que correspondia às suas habilidades ou interesse em aprender.

Portanto, foram formadas três equipes: equipe de pesquisa (busca bibliográfica e elaboração de textos), equipe de *design* gráfico (criação de conteúdos gráficos e visuais) e equipe de engajamento (responsáveis pela postagem das artes e interação com o público no *Instagram*).

Em março de 2021, a equipe entendeu ser necessária, também, a criação de uma conta no *Facebook* (Figura 2). A escolha das redes sociais *Instagram* e *Facebook* se deu pelo fato de ser um bom meio de comunicação e de vinculação das postagens, considerando a popularidade delas entre a comunidade acadêmica e externa, além da possibilidade de publicações gratuitas.

Os temas das postagens eram definidos pela

Figura 2. Página dos projetos de extensão do Facebook.



Fonte: Facebook.

Figura 2 - Perfil dos projetos de extensão no Facebook

Fonte: Facebook

equipe, assim como as referências que seriam usadas, por meio da busca na Sociedade Brasileira de Diabetes, na Associação Americana de Diabetes, no periódico *Diabetes Care*, no Ministério da Saúde e em bases de dados nacionais e internacionais. Foram definidas, também, as repostagens e o calendário de encontros com outros profissionais para discussão de diferentes temas relacionados à diabetes tipo 2.

A partir da escolha do tema e das referências, o grupo de estudantes responsável pela pesquisa do material elaborava as postagens, enviava ao grupo de *WhatsApp* e apresentava nos encontros semanais com os demais membros da equipe.

As postagens com os conteúdos debatidos nos projetos foram realizadas uma vez por semana pelos estudantes/membros dos projetos de extensão, tendo sempre o auxílio das professoras responsáveis. Também foram realizadas repostagens que a equipe considerou relevantes, criação de enquetes, elaboração de *e-book* (Figura 3), interação com os seguidores nos comentários postados no *feed* ou no *stories*.

Os temas apresentados nas postagens incluíram: apresentação das equipes dos projetos (foram feitas duas seleções de estudantes para participar dos projetos de extensão); safra de alimentos; mitos e verdades sobre alimentação; saúde oral

Figura 3. E-book.

Fonte: Elaborado pelos autores.



Figura 3 - E-book das ações de extensão

Fonte: Elaborado pelos autores

& higiene bucal & diabetes; cuidado com os pés; cuidados no verão; dicas de substituições para uma refeição mais saudável no natal; relação sono e diabetes; diabetes & saúde mental; risco de quedas para pessoas com diabetes; alimentação no *home office* x presencial, gestão de saúde, criação de hábitos saudáveis e implementação na rotina (Figura 4).

Sendo assim, os projetos foram redesenhados, tendo suas práticas direcionadas para o contexto remoto. Os encontros com os estudantes foram realizados virtualmente, assim como as trocas com outros profissionais e interação com a comunidade.



Figura 4 - Exemplos de postagens
Fonte: Instagram

As publicações tinham como base artigos científicos, discussões entre os membros da equipe e/ou de convidados. O projeto, então, contou com participações, pelo *Google Meet*, de profissionais (nutricionista, enfermeira e médica) e de uma pessoa com diabetes.

Resultados: relato de experiência (desafios e adaptações no desenvolvimento das ações de extensão).

Quando os projetos de extensão foram escritos, eles contavam com práticas presenciais, como ações em sala de espera ambulatorial de um hospital universitário e rodas de conversa entre os membros da equipe.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, as atividades de extensão foram estimuladas a ocorrer de forma remota pela Pró-Reitoria de Extensão (Pr5), neste período de pandemia.

O uso de plataformas digitais foi uma estratégia necessária para a continuação das atividades acadêmicas. Essas adaptações foram desafiadoras, porém também trouxeram aprendizados e pontos positivos. Por exemplo, por meio do desenvolvimento dos projetos de forma remota, foi possível a ampliação das vagas dos estudantes de extensão para além da universidade a qual as professoras responsáveis pelos projetos estavam alocadas. Estudantes de outras universidades e de outros estados participaram das equipes de execução dos projetos.

Ressalta-se que a extensão universitária permite que a universidade leve os conhecimentos e conteúdos abordados nas pesquisas e no ensino até a comunidade. É uma forma de socializar e democratizar o saber científico, de modo a ampliar o acesso desses conteúdos e conhecimentos à comunidade não acadêmica e de responder às necessidades e interesses dessa

mesma comunidade (Santos, 2010).

Dessa forma, por meio das ações nessa modalidade, foi possível a ampliação não só da equipe executora dos projetos, mas também da comunidade não acadêmica, pois o modo de acessar os conteúdos e conhecimentos foi por meio de plataformas gratuitas, de fácil acesso.

Entretanto, apesar da troca entre a universidade e a comunidade por meio do ambiente virtual poder promover maior alcance de pessoas, foi observado que, nas ações dos nossos projetos, as orientações e postagens foram realizadas de forma generalizada. Quando falamos de adesão ao tratamento, entendemos ser uma prática individualizada, que é influenciada pelos contextos do cliente e seu meio social.

O nosso cuidado, portanto, nas postagens e na interação com a comunidade, foi de estimular, ao máximo, o cuidado consciente, a necessidade de se envolver de forma plena em seu cuidado de saúde e de trazer informações mais acessíveis, considerando que cada pessoa vai se envolver com as postagens e seguir as orientações de forma individualizada. Nesse sentido, buscamos a todo instante diversificar as formas de disponibilizar postagens, ou seja, os conteúdos eram abordados por meio do *feed* de notícias, de vídeos, de repostagens, do *e-book* elaborado pela equipe executora dos projetos, de *stories*.

A experimentação de atividades remotas foi de grande aprendizado para a equipe de execução dos projetos. Problemas como familiaridade com os aplicativos e mídias sociais foram assuntos constantemente discutidos nos encontros remotos da equipe. Sendo assim, muitas trocas entre os professores e os estudantes foram realizadas, trazendo uma ampliação do conhecimento. A potencialização das habilidades dos estudantes foi uma estratégia usada para favorecer esta troca.

Mídias sociais como *Facebook* e *Instagram* estão

cada vez mais sendo usadas para disseminar informações confiáveis entre os profissionais de saúde/professores e comunidade. A mídia social pode contribuir com o acompanhamento dos clientes, complementando as informações fornecidas pelos profissionais de cuidado e fornecendo suporte psicossocial (Smailhodzic *et al.*, 2016).

Os projetos de extensão envolveram discussões interdisciplinares de forma a propiciar o contato de discentes e docentes de diferentes áreas. Eles possibilitaram aos estudantes a compreensão da importância da extensão na formação universitária relacionada às trocas de conhecimento acadêmico, pesquisa e sabedoria popular.

Entende-se que a extensão universitária promove a democratização do conhecimento e, portanto, foram feitas discussões sobre diversos assuntos que possibilitavam a troca de saberes entre docentes, discentes, profissionais de saúde e o público, seguidores das redes sociais. Além disso, contou com trocas de experiências entre os participantes (relatos próprios, de experiências profissionais, com parentes e conhecidos), promovendo um espaço de reflexão para além do conhecimento científico.

Um grande desafio desses projetos foi o fato da aposta da troca ser por meio dos encontros com os estudantes e por meio das redes sociais. A principal preocupação dos membros da equipe era pelo fato de não se saber se, de fato, a comunidade externa estava tendo acesso às informações postadas. A interação dos usuários nas redes sociais não permitia a avaliação do alcance das publicações e da interação da equipe do projeto com a comunidade. Sendo assim, entende-se esse fato como uma limitação desses projetos, pois não se sabe como as pessoas receberam essa informação vinculada e se, de fato, conseguiram acessá-las.

Além disso, outra preocupação presente foi de trabalhar com postagens semanais, pensando

em respeitar a organização da rotina e gestão do tempo do estudante, que vivenciou mudanças bruscas no desenvolvimento das suas atividades educacionais devido à inserção em práticas exclusivamente remotas.

Os projetos buscaram colocar o estudante como centro do seu processo formador, pois permitiu a liberdade dele colocar as suas experiências pessoais e profissionais, assim como o entendimento multifocal sobre diferentes assuntos. Foram respeitadas nos encontros a singularidade das formações de cada curso e as diferentes contribuições para o cuidado de pessoas, familiares, cuidadores, grupos e populações com diabetes tipo 2.

Os estudantes tiveram papel importante na organização das atividades dos projetos, participando do planejamento e das decisões quanto aos temas, referências a serem usadas e ao formato das publicações, estabelecendo uma relação mais acessível e horizontalizada entre professoras e estudantes.

Cabe dizer, também, que esses projetos de extensão foram elaborados a partir das ações de pesquisa e ensino das professoras responsáveis, porém, com o desenvolvimento deles, foi vista a necessidade de se elaborar um novo projeto de pesquisa: “Estratégias coletivas no tratamento da diabetes tipo 2”, que buscará entender as contribuições dos diferentes profissionais de cuidado

no tratamento de pessoas, grupos e populações com diabetes tipo 2 e produzir novos conhecimentos.

Considerações finais

A possibilidade do uso das tecnologias no período da pandemia possibilitou o andamento dos projetos de extensão, antes elaborados para serem desenvolvidos de forma presencial. As trocas de informações e o modo de comunicação entre a universidade e a comunidade ocorreram de forma remota.

Nesta modalidade, a equipe de execução dos projetos foi ampliada para além dos estudantes da universidade em que as professoras responsáveis estavam inseridas. Estudantes de outras universidades e de outros estados participaram das equipes de execução dos projetos.

As equipes dos projetos tiveram a possibilidade de trocar experiências e conhecimentos entre si, trazendo reflexões sobre novos saberes e discutindo sobre práticas de cuidados relacionadas às pessoas, grupos e populações com diabetes tipo 2. Além disso, puderam trocar experiências com a comunidade, aplicando conhecimentos em benefício da sociedade. ◀

Referências Bibliográficas

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Brasil. Manaus, 2012. Acesso em: 25 jan. 2022.

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). **Pró-reitoria de extensão**. O que é a extensão universitária. Acesso: 17 de maio 2021.

SMAILHODZIC E, HOOIJSMAN W, BOONSTRA A, LANGLEY DJ. Social media use in healthcare: A systematic review of effects on patients and on their relationship with healthcare professionals. **BMC health services research**. v. 16, 1, 442, p. 1-14, 2016, doi:10.1186/s12913-016-1691-0. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27562728/> Acesso em: 25 jan. 2022.

SANTOS, M. P. D. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário. **Revista Conexão UEPG**, v. 6, n. 1, p. 10-15, 2010. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3731> Acesso em: 25 jan. 2022.